

# Uma etnografia católica: Carinho e cuidado através dos objetos em Finados

Lilian Tellini Solda<sup>1</sup>  
Andréia Vicente da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** No Brasil, os ritos de finados são predominantemente católicos. O cemitério se torna um espaço de socialização já que o feriado também é uma ocasião de reencontro para os vivos. É comum que as famílias se reúnam para preparar os túmulos. Neste artigo, foram identificados alguns objetos levados ao cemitério municipal Cristo Rei, em Toledo, Paraná, durante o Dia de Finados de 2020 pelos enlutados. A partir daí, discutiu-se a respeito da utilização e dos significados desses objetos rituais procurando relacioná-los com a forma com que os católicos encaram a morte e o próprio cemitério. Para tal, realizou-se trabalho de campo no cemitério dias antes e no feriado, bem como, foram entrevistados católicos para buscar os significados dos objetos utilizados nas homenagens. O trabalho desenvolvido demonstrou que é através dos objetos rituais que os sentimentos dos vivos em relação aos mortos se materializam em forma de ação.

**Palavras-chave:** Cemitério; Finados; Objetos; Homenagens.

## Affection and care through objects in Finados

**Abstract:** In Brazil, the All-Soul's Day rituals are mainly catholic. The cemetery becomes a space for socialization given that the holiday is also an event of gathering for the one who are alive. It is common for the families to meet to prepare the graves. In this article, I identified some objects which were taken to Toledo Municipal Cemetery, Cristo Rei, during All-Soul's Day in 2020 by the grieving people. Then, I promote a discussion concerning the utilization and meaning of the ritual objects aiming to connect them to the way catholic people understand death and the cemetery itself. I collected the information through field work, interviewing catholic people. It is possible to conclude that it is through the ritual objects that the feelings of the people materialize in actions.

**Keywords:** Cemetery; All-Soul's Day; Objects; Tributes.

## Introdução

O Dia de Finados, também conhecido como o Dia dos Mortos ou Dia da Saudade, está presente em várias culturas e em diferentes povos há muito tempo. As diferenças e particularidades deste dia são vivenciadas de acordo com o contexto em que cada indivíduo ou grupo está inserido, das suas crenças e costumes. Neste dia, o culto aos mortos é o objetivo central, assimilado tanto pelos cristãos, quanto pelos ateus, sendo comum aos crentes e aos descrentes. Este dia se naturalizou tanto que por vezes é difícil definir suas origens (ARIÈS, 2012). De acordo com Mísia Reesink (2010, p.155): “O Dia de Finados, que ocorre em 2 de novembro, teve início no século XI, sendo o dia designado pela Igreja Católica como data em que a Igreja Militante (os vivos católicos) se lembra e se apieda da Igreja Penitente (as almas ainda não completamente salvas), sendo, portanto, uma data comemorativa muito antiga no calendário católico”. Já Weverson Bezzera Silva (2019, p.32) diz que a origem da data tem várias vertentes. Os estudos “[...] relatam ter ocorrido no século X. Porém antes desse século, já existia uma memória aos

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Toledo. lilian.solda@unioeste.br.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Campus de Toledo. deiavicente@gmail.com

mortos nos tempos do pré-cristianismo. No século II, um grupo do paganismo antigo que tinha suas práticas próprias na celebração à memória dos mortos”.

No Brasil, o dia de Finados é um feriado católico. Segundo Andreia Vicente (2017, p.414) “Embora o cemitério como instituição pública e, portanto, laica, esteja aberto para todos, existe um domínio simbólico ritual e territorial em seu interior que é católico”. Nos cemitérios, os túmulos com pequenas capelas, com imagens de santos e anjos, cruzes, terços, rosários, revelam a significativa presença do catolicismo no espaço. Além disso, o poder público e a administração de cada cemitério atuam em grande escala na preparação do espaço para a realização dos rituais, como a missa. Nota-se que a premissa do espaço laico não se realiza. Mesmo que o cemitério público não seja legalmente ordenado em princípios religiosos, é evidente que os ritos católicos seguem comandando a lógica espacial.

Em Finados, é comum que as famílias se reúnam para preparar os túmulos. Essa ida ao cemitério acontece alguns dias antes do feriado e/ou no dia. As atividades realizadas variam entre reparo, pintura, marcenaria, limpeza, decoração, mas principalmente, e mais ligado ao Dia de Finados, o ato de acender velas e fazer orações. SILVA (2019) afirma que o Dia de Finados “[...] significa algo que findou, acabou ou morreu - é um feriado religioso, dedicado a orações e homenagens de diversas formas aos entes queridos que já partiram, como entrega de flores, objetos simbólicos e acender velas.”.

Finados é um processo alongado no tempo, que não se relaciona apenas ao dia do feriado, mas se inicia semanas antes. E, apesar de ser um dia dedicado à memória dos que já faleceram, o Dia de Finados também é um momento de reencontro para os vivos, tanto que o cemitério se torna um espaço de socialização. Reesink (2012) destaca que as pessoas que vão aos cemitérios em Finados, vão matar a saudade de um parente ou amigo morto. Mas não só. A sociabilidade do Dia de Finados vai muito além da visita aos mortos. É um ritual caracterizado pela interação e confraternização entre os vivos, no qual os laços sociais são fortalecidos e renovados, ao mesmo tempo em que os vínculos com os mortos são mantidos.

Pensando neste dia e tudo que ele envolve, o objetivo central deste artigo é identificar quais são os objetos rituais mais presentes no cemitério Cristo Rei, localizado no município de Toledo, no Paraná, ao longo desse processo de Finados. Questiona-se a respeito da sua utilização e significados, e da relação com a forma pela qual os católicos encaram e significam a morte e o próprio cemitério. Para tal, realizou-se o trabalho de campo no cemitério, antes e no próprio feriado de 2020. A partir destes dados e da revisão bibliográfica traçou-se um panorama geral a respeito do uso dos objetos rituais. Estas observações foram complementadas com entrevistas abertas, buscando ampliar e aprofundar a compreensão dos significados desses objetos.

Em contexto pandêmico, definir os entrevistados foi um fator complicado. O objetivo inicial era entrevistar as pessoas que estavam no cemitério fazendo suas visitas aos túmulos dos mortos. Todavia, a pandemia além de tornar as visitas mais curtas que o habitual, também fez com que as pessoas evitassem contatos físicos prolongados. Este contexto ampliou a perspectiva do silêncio e de gestos contidos, intensificando a perspectiva da cidade dos mortos em um lugar de sociabilidade menos verbal e mais performática dos sentimentos. A solução encontrada para tal contexto específico foi entrevistar oito jovens católicos, da Paróquia São Cristóvão que frequento em Cascavel. Estes aceitaram participar do projeto com muito entusiasmo. Devido a pandemia da COVID-19, as conversas foram realizadas com o auxílio da tecnologia, através de chamadas de vídeo nos anos de 2020 e 2021.

O catolicismo faz parte da vida de uma das autoras. Assim, inspirada na leitura de Roberto DaMatta (1987) questiona-se: Como estranhar a própria cultura? Como se pode estar no campo, reconhecer os objetos que estão presentes na própria rotina, e pensá-los não como nativa, mas como pesquisadora? DaMatta fala sobre transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Ele compreende o familiar como algo que poderia ser parte do universo social diário, enquanto o exótico como sendo o oposto disso, algo complexo, de difícil interpretação. O autor passa então a se perguntar até que ponto o que é familiar é realmente conhecido pelo antropólogo? E até que ponto o exótico é realmente desconhecido? Para transformar o familiar em exótico é necessário questionar, para situar os eventos do mundo diário à distância, do mesmo jeito questiona-se o exótico, descobrindo nele o conhecido e o familiar.

Da mesma forma, Gilberto Velho (1978), em sua obra “observando o familiar”, explicou que estar familiarizado com o ambiente não significa que conhecemos todos os pontos de vista dos envolvidos. Nas suas palavras “O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes.” (VELHO, 1978, p.124-125). Este processo de estranhamento só se torna possível quando o antropólogo é capaz de confrontar intelectual e emocionalmente as diferentes versões de todos os fatos.

Mariza Peirano (2008) e Roberto Cardoso de Oliveira (2000) são outros dois autores fundamentais para responder estas questões. A primeira defende que não podemos eliminar a experiência pessoal nem a personalidade do investigador do trabalho etnográfico. Este é um recurso para criar um diálogo vivo entre pesquisador e pesquisado, e somente durante a escrita, se poderia comunicar ao leitor as experiências e a sua interpretação. O segundo, na conferência “O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir e escrever”, me direcionou principalmente no trabalho de campo. O primeiro desafio no terreno foi olhar para o ambiente, a construção do cemitério, os jazigos, as divisões, a forma de colocar os objetos. O olhar nos prepara para algo muito maior do que apenas observar ou descrever o que está sendo visto, mas entender os seus significados. Ao mesmo tempo do olhar e seguindo a mesma lógica, o segundo desafio foi ouvir conversas. Tanto nos corredores, em frente aos túmulos, esperando a missa começar, e mesmo nas entrevistas. Segundo o autor, o pesquisador carrega um conjunto de ideias-valores que direcionam as ações, precisei então me desvincular dessas ideias, e reaprender a olhar e a ouvir as informações que estava recebendo.

Assim, definimos esta como uma etnografia católica. Segundo Gilmar Rocha (2006, p.108) “Os textos etnográficos expressam valores, ideias, sensibilidades, enfim, “estruturas de significados e pensamentos”. São uma categoria de pensamento, onde a ação, razão e afetividade não estão separados. Essa discussão também é feita por Marilyn Strathern (2018). Para ela uma etnografia não é uma tradução do mundo do nativo, não é a forma de buscar o sentido oculto. É uma recriação daquilo que foi vivido no campo, demonstrado na escrita, através do repertório de vida do antropólogo, da escolha teórica, dos questionamentos que direcionam o olhar.

Além disso, a experiência de uma das pesquisadoras como católica facilitou a realização das entrevistas. Afinal, não se passou pelo que Favret-Saada experienciou durante o campo que originou seu artigo “ser afetado”. Ela diz que “[...] ninguém jamais teve a ideia de falar disso comigo simplesmente por eu ser etnógrafa” (FAVRET-SAADA, 2005, p.157). A sua atitude foi se deixar ser afetada pelos rituais e ao ser capturada na teia simbólica conseguiu ganhar um espaço entre os interlocutores. Durante minhas entrevistas não precisei enfrentar barreiras como estas para conseguir as respostas. Os entrevistados se sentiram confortáveis em falar com alguém que já conheciam, sem o medo do julgamento ou de que suas palavras fossem desqualificadas. Esclarecemos que não vamos nos referir aos meus informantes por seus nomes verdadeiros.

Nas próximas linhas busco fazer a contextualização dos estudos cemiteriais assim como do cemitério Cristo Rei.

## Os cemitérios

A origem dos cemitérios tal qual conhecemos hoje no Brasil urbano tem suas raízes na Idade Média europeia – influência trazida pelos colonizadores portugueses. Naquela época, as pessoas eram enterradas em espaços sagrados, nas igrejas e suas dependências, perto de seus santos de devoção, na intenção de serem protegidas por eles (ARIES, 2012, p.188). O lugar exato onde se era enterrado dependia da sua condição econômica e posição social. A morte era vista como algo costumeiro. Na modernidade, essa convivência entre vivos e mortos passou a incomodar, deixou de ser a presença de uma alma imortal, e passou a ser reconhecida como o corpo morto, representando a podridão e a possibilidade de contágio de doenças. Tornou-se, então, assunto para as autoridades públicas. Quando em 1763, na França “a Corte do Parlamento, por sua vez, intérprete da emoção geral decidiu ocupar-se da questão e ordenou [...] um inquérito sobre o estado dos cemitérios parisienses e sua transferência para

fora da cidade” (Idem, p. 193). Essa transferência se deu dos anos 1785 a 1787, onde mais de mil carroças de ossadas foram tiradas dessas terras e mais de dez mil pés de terra foram removidos. Os cemitérios foram reconstruídos aos arredores das cidades. No entanto, com o crescimento populacional, e o aumento do número de mortes, logo o que ficava às margens já se tornava parte das cidades novamente. Fazendo se encontrar a cidade dos vivos com a cidade dos mortos.

No Brasil, com o passar dos anos, no fim do império e início da república, a igreja católica perdeu grande parte do domínio político, principalmente com a separação entre Igreja e Estado. Maria Elizia Borges (1997, p.17) ao estudar o contexto cemiterial brasileiro disse que “mesmo com a perda da influência política a igreja manteve-se fiel aos seus dogmas tradicionais[...]”. Atualmente, apesar de toda a transformação nas formas dos cemitérios, o que não se alterou foi a presença do catolicismo.

A pesquisa de campo que dá origem a este artigo foi realizada no cemitério Cristo Rei que foi construído afastado do centro da cidade de Toledo, mas evidentemente a cidade cresceu e se desenvolveu desde então. Hoje ele fica localizado na Avenida Maripá, uma das mais movimentadas da cidade, no bairro Jardim La Salle. A sua construção se deu no ano de 1949, com a morte de José Drago. Supostamente, anteriormente havia outro cemitério, com oito sepulturas. Felicetti, morador da região e pioneiro da cidade, contou que viu alguns crânios no chão e que o cemitério havia sido aterrado tempos antes. Na época, Padre Patuí sugeriu que construíssem um novo, dando origem ao cemitério Cristo Rei, o primeiro da cidade. A necrópole tem uma área de aproximadamente 56 mil metros quadrados, com mais de 15 mil pessoas enterradas e não conta com mais espaço para expansão, visto que nos arredores há casas (DAL PIVA, 2017, p.21).

Importa considerar que nas minhas conversas com os interlocutores, o cemitério se apresentou de diversas formas e a partir de diferentes expressões de sentimentos. Ora como um espaço de saudade, ora de tristeza, mas também como espaço de alegria, tranquilidade, paz e conforto. Percebe-se que essas expressões públicas dos sentimentos, durante esses rituais de culto aos mortos, reforçam o caráter social que tem. São processos decorrentes do luto. Segundo Durkheim (1895), os fatos sociais são modos de agir, pensar e sentir que apresentam uma existência própria e independem das manifestações individuais, já que exercem sobre o indivíduo uma coerção exterior.

Para Rezende e Coelho (2010), as emoções são socialmente construídas. Por mais que essas emoções sejam situadas no corpo, existem regras de expressão que afetam as manifestações dos sentimentos, que podem variar de acordo com as diferentes sociedades e seus contextos sociais. Segundo as autoras “As emoções tornam-se então parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto” (2010, p.27).

Marcell Mauss (1921, p.332) em *A expressão obrigatória dos sentimentos*, ao analisar os ritos orais fúnebres na Austrália, escreveu: “Mas todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do seu grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem”. Para o autor, todos os sentimentos acerca da morte não podem ser apenas fenômenos psicológicos ou fisiológicos, são “[...] fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade, e da obrigação mais perfeita” (1921, p.325). Os sentimentos não são independentes das interações sociais. Nas emoções decorrentes da morte há elementos performativos e cheios de significados culturalmente e historicamente construídos. Assim sendo, são esses sentimentos que explicam o trabalho dos enlutados no Dia de Finados, e é por meio deles que os objetos se materializam em forma de ação.

## **Pré feriado e a pluralidade de sentidos da limpeza e organização**

Gilberto Velho, em *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (2003, p.13), fala sobre um dos desafios do antropólogo. “Quando um antropólogo faz uma etnografia, uma de suas tarefas mais difíceis, como sabemos, ao narrar um evento, é transmitir o clima, o tom, do que está descrevendo. A

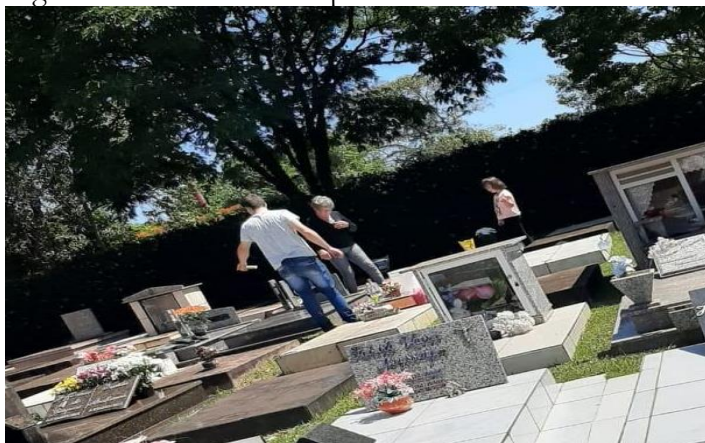
sucessão dos fatos no tempo, o número de participantes, a reconstituição das interações, são etapas fundamentais [...]”. A partir de agora apresento os fatos que vivenciamos em situação de campo na véspera do Dia de Finados, no cemitério, narrando a construção do espaço público, seus principais eventos e objetos encontrados.

Nesse sentido, é preciso considerar o Dia de Finados como uma sequência de eventos. Primeiro, a preparação do espaço público. Esta preparação é realizada tanto pela administração do cemitério, com trabalhos relacionados à pintura, corte de grama, limpeza das calçadas, serviços de marcenaria. O objetivo de tais atividades é deixar tudo preparado para quando os habitantes da cidade visitarem o lugar durante o feriado. Os familiares enlutados também realizam limpeza nos túmulos particulares. As preparações começam antes do dia 02 de novembro. Visitamos o campo no dia 31 de outubro de 2020 e era visível que o cruzeiro e o meio fio dos corredores do cemitério haviam sido pintados recentemente.

Para todos os lados que olhávamos, havia pessoas com suas famílias portando baldes e panos nas mãos, indo e vindo entre as torneiras de água e os túmulos. Algumas raras pessoas estavam sozinhas, mas desempenhavam o mesmo papel. Vassouras, rodos, esponjas e sabão também roubavam a cena. A presença de mulheres era maioria. Os enlutados aparentavam ter majoritariamente mais de 40 anos, mas também havia crianças. Poucos eram os adolescentes e jovens até 20 e poucos anos. Essa presença feminina marcante também foi relatada em uma das minhas entrevistas. Paula<sup>3</sup> me contou que visita os túmulos de seus avós, e que normalmente sua mãe e suas tias se ocupam da limpeza, enquanto seus tios homens frequentam o cemitério apenas no feriado. Ela nunca questionou sua família sobre o porquê fazem isso. Segundo ela, “apenas fazem” (...) “Normalmente vai a minha mãe e a minha tia que são as duas filhas mulheres que estão dispostas. E, elas vão uns dois dias antes e limpam”.

Nota-se então que o zelo nesse momento, em sua maioria, é realizado por mulheres. Segundo Silva (2019, p.43) “[...] no culto dos mortos as mulheres tinham uma incumbência que é o cuidado com os túmulos. Florir e limpar os túmulos eram divididos para as mulheres e filhas, pois o cemitério está totalmente ligado com a última morada, que também está relacionado como uma dependência do cuidado da casa que ocupa a posição da mulher”.

Figura 01 – Familiares limpando os túmulos.



Fonte: Da autora, 2020.

Em uma das andanças pelo cemitério presenciamos uma conversa que nos chamou atenção<sup>4</sup>. Um senhor estava fazendo a limpeza do túmulo sozinho. Ele jogava água e passava pano. Um casal chegou e eles se cumprimentaram num clima que me pareceu que já se conheciam. Sem muita conversa a mulher já pergunta: - “cadê a Maria?” O senhor de branco apontou para a direção e falou que ela estava limpando o túmulo de fulano e logo em seguida completou: - “a muié (sic) [que eu imaginei ser a Maria] tá com a bucha, aqui tá meio sujo ainda, mas acho que não quer dizer”. A mulher então pegou a esponja que estava

<sup>3</sup> Paula, 20 anos. Entrevista realizada em 28 de fevereiro de 2021.

<sup>4</sup> Destacamos a frase tal como ouvimos. As conversas aconteciam enquanto eu caminhava pelos corredores do cemitério, e não necessariamente eram comigo. Víamos e as ouvíamos. Para Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p.28) “o Olhar e o Ouvir constituem a nossa “percepção” da realidade focalizada na pesquisa empírica”. Portanto, essas informações foram utilizadas para as interpretações dos dados.

dentro do seu balde e tentando limpar o lugar falou: - “não quer dizer não, isso aí é uma questão de amor mesmo”.

Esta conversa nos fez refletir sobre o significado da limpeza. A limpeza dos túmulos não é questão de apenas retirar a poeira e os resíduos que se depositam com o tempo. Não envolve apenas o sentido de deixar limpo. Tem relação com o gesto, com a ação. Além da sujeira estar incomodando, o que importava na situação era o afeto relacionado ao túmulo, ao ente querido. Mary Douglas, em seu livro “Pureza e perigo” (1976) faz uma reflexão sobre os sentidos e conexões entre pureza, poluição e perigo que nos ajudam a pensar as questões de limpeza. Para a autora, a sujeira é a desordem. Ela é impura, deve ser afastada para que se possa manter o padrão e proteger os lugares sagrados. Em suas palavras “[...] diremos que se o impuro é o que não está no seu lugar, devemos abordá-lo pelo prisma da ordem. O impuro, o poluente, é aquilo que não pode ser incluído se quiser manter esta ou aquela ordem.” (DOUGLAS, 1976, p.33). Ainda segundo a antropóloga, não há pureza ou impureza absoluta, ambas existem aos olhos de quem as vê, principalmente porque as diferenças entre o sagrado e o profano podem variar. O que é puro em relação a uma coisa pode ser impuro quando se trata de outra coisa, dependendo da crença, costume ou contexto em que está inserido.

Verifica-se um exemplo prático. Vicente da Silva (2018, p.246) em um dos seus trabalhos de campo se deparou com um cemitério passando por mudanças. Essas transformações envolviam a estrutura física, a reordenação de túmulos e os rituais. O administrador do cemitério, evangélico, na tentativa de realizar uma higienização no espaço, proibiu alguns ritos específicos de religiões afro-brasileiras. Enquanto a presença de objetos católicos, como velas e flores, inclusive os mesmos objetos vistos no Cemitério Cristo Rei durante o trabalho de campo, se mantiveram legítimos. Naquele contexto, a proibição das oferendas relacionadas ao candomblé<sup>5</sup> foi aprovada pelos católicos, ao passo que os praticantes das religiões afro-brasileiras questionaram tais ordens recentemente estabelecidas. A relação entre o legítimo, o puro, o profano, varia de acordo com o contexto e com as referências disponíveis a indivíduos e contextos específicos.

Nosso interesse principal durante a observação direta dos ritos que antecederiam finados era entender o processo de limpeza. Complementamos elementos observados com entrevistas a respeito da mesma temática. Nas respostas obtidas, a ideia de ordem foi sublinhada. Outros sentidos também se fizeram presentes, tais como a questão da homenagem.

Marina me contou que em sua casa sempre foi tradição limpar tudo jogando água. Segundo ela, essa ação demonstra dedicação, da mesma forma fazia com o túmulo.

“Normalmente leva água, porque é tudo com cerâmica né, então joga água mesmo pra (sic) lavar o morto [risos]. Eu acho que vem da nossa cultura, da nossa educação aqui de casa, vai fazer uma coisa, “ah hoje tem que fazer faxina”, tem que limpar bem, se dedicar, então tem o costume de jogar água. Eu acho que isso tá (sic) meio que subentendido na nossa cabeça, de que eu vou lá, mas vou tentar fazer o meu melhor, então não vou passar só um pano. Eu vou lavar realmente tudo que tem ali pra (sic) lavar, pra (sic) deixar realmente limpo. É um sinal de dedicação quando a gente joga água nas coisas, acho que essa é a ideia que fica na nossa cabeça.” [...] então uma vez por mês ou a cada dois meses a gente vai lá limpar, [...] dá dia de finados passa cera, leva às flores esses negócios” (Marina, 21 anos. Entrevista realizada em: 09 de fevereiro de 2021)

Na fala de Marina há uma comparação implícita entre a limpeza da casa e do túmulo. Percebe-se que ambos têm sentidos relacionados ao privado e íntimo e envolvem os mesmos procedimentos. O túmulo pode ser visto, então, como a casa de alguém, que merece esforço, tempo e dedicação. É nesse contexto que Maria fala:

---

<sup>5</sup> Durante todo este dia no campo, e no feriado, não identificamos a presença de manifestações de matrizes afro-brasileiras, mesmo sendo um território plural, onde as diversas culturas e diversas religiões poderiam estar presentes.

“Parece que a vó sempre foi caprichosa com as coisas dela... No meu pensamento, assim, quando a pessoa morre ela vai ser sepultada ela tem que ficar em um lugar bonito, agradável, porque lá vai ser sua última morada, de lá o corpo não sai mais, o corpo vai se deteriorar lá, então seria importante que fosse o reflexo da sua casa, se é uma casa bem cuidada, limpinha, então o local de sepultamento também” (Maria, 48 anos. Entrevista realizada em: 14 de novembro de 2020).

O elemento principal que representa essa dedicação é a água. Marina comentou que não vai “passar só um pano”, vai “lavar realmente”. No sentido de que quando se passa pano ainda pode restar algum resíduo de sujeira, mas jogando água isso não aconteceria. Muito do que ela comentou também está relacionado com o fato da água fazer parte de diversos rituais como elemento de purificação e salvação no catolicismo. Conforme explica o Catecismo da Igreja Católica (2000, p.341), “desde a origem do mundo, a água, esta criatura humilde e admirável, é a fonte da vida e da fecundidade”. O mesmo catecismo ainda diz que é através dela que somos batizados e por muitas vezes curados das nossas chagas. Neste sentido, nota-se que o uso da água para a limpeza também pode ser lido como símbolo de purificação do túmulo, e conseqüentemente da pessoa enterrada ali.

A limpeza de todas as impurezas, apesar de ter relação até certo ponto com um processo de afastamento da morte, não é sustentada desta forma neste estudo. José Carlos Rodrigues escreveu em *Tabu da Morte* (2006), que a morte é o deslocamento da vida. “Toda essa preocupação social em afastar a morte supõe, evidentemente, uma certa consciência realista do desaparecimento dos indivíduos” (2006, p.67). O autor se preocupou em estudar principalmente as representações sociais da morte, colocando-a como um produto da história ao analisar os séculos e as sociedades. A morte passa de algo cotidiano e comum quando o luto era coletivo, para ser considerada uma ruptura brusca no andamento da vida, individualizando o processo do luto e distanciando os vivos dos mortos. Aqui, ao contrário, percebe-se o luto em sua expressão coletiva que produz uma aproximação entre vivos e mortos.

Marina ainda relatou que o cemitério lhe traz uma sensação de “conforto”.

“Conforto. Eu acho que embora tem gente que acha ruim, eu como católica, a minha busca é pelo céu, e aquelas pessoas já estão nessa segunda fase que é uma coisa que eu espero muito, entende. [...] eu acho que o cemitério me traz isso assim, embora a gente sente falta daqueles que foram, mas essas pessoas estão com Deus, elas estão vendo aquilo que a gente busca aqui na terra, como é grandioso isso. Então eu acho que é um conforto de quem já teve uma experiência muito maior. Eu acho que é isso que me traz, o cemitério me traz uma paz assim” (Marina, 21 anos. Entrevista realizada em: 09 de fevereiro de 2021).

Negrão (2014) enquanto conta sobre suas experiências como católico na infância, corrobora com esse pensamento “[...] apesar de pregar a existência de uma vida após a morte, os princípios católicos utilizavam a própria morte como figura simbólica para representar a “vida eterna” passada na incerteza do purgatório ou na crueldade do inferno, em caso de o pecador não se arrepender antes de realizar a passagem para o mundo espiritual”.

Para Paula, a partir de um referencial cristão e católico, a morte é o fim da vida terrena. A fé é de que a pessoa tenha seguido os princípios morais durante a vida e esteja desfrutando da vida eterna junto de Deus. Entende-se que o portal de encontro com os mortos está fechado. Portanto, a visita no túmulo é no corpo de seus entes queridos, que é a casa. O reencontrar com o espírito não acontece, mas a visita mantém viva a memória da alma do falecido, na esperança de que ele esteja em um bom lugar no céu.

Considerando que são esses sentimentos e desejos que perpassam a vida do católico, não haveria sentido no distanciamento com a morte. Ela não é vista como algo ruim, mas como parte do processo que tem início, meio e fim. E o fato de estar presente no cemitério e realizar a limpeza do túmulo o aproxima mais do seu ente querido. A limpeza realizada neste dia não tem apenas relação com a própria sujeira, mas com o trabalho que a envolve.

O segundo ponto que convém destacar é o final da fala de Marina. Existe uma diferença quando ela e sua família vão ao cemitério ao longo do ano fazer a limpeza e quando a realizam no feriado. O uso da cera e o depósito de flores neste dia reforçam a ideia de maior dedicação. Não basta apenas estar limpo. É preciso deixar brilhando. Uma maneira de se dedicar ainda mais para homenagear o ente querido e, da mesma forma, alegrar o ambiente para a comunidade que virá visitar.

Ainda sob a lógica da ordem, João, inseriu outros elementos a este debate quando descreveu sua concepção de feio e bonito. Estabeleceu considerações sobre o túmulo de sua mãe, falecida há poucos meses. De acordo com o interlocutor, um dos motivos da sua tristeza era o fato de que a família ainda não havia encomendado uma pedra para fazer o entorno do túmulo, nem a minicapela, conforme era desejo da falecida. Segue seu relato:

“Porque se você vê uma coisa feia, você fala assim, “aquilo é feio” entendeu? Se você vê um negócio mal arrumado, desajeitado, deteriorado, cê (sic) fala “aquele negócio não tá bonito”. Pra (sic) pessoa que morreu não tá enxergando, não tá vendo, mas pra mim é um desleixo deixar um negócio desarrumado, desorganizado, feio. Então pra mim (sic) vai ficar melhor, vai satisfazer o meu ego de ver aquilo bonito. É como se fosse uma homenagem que eu quero fazer pra (sic) aquela pessoa, entendeu?” (João, 51 anos. Entrevista realizada em: 14 de novembro de 2020).

A preocupação de João é ambígua. Ao passo que sua intenção em homenagear a mãe e realizar os desejos dela sobre o túmulo, reflete também a preocupação de como outros enlutados perceberão o estado de conservação da sepultura, ou seja, como aquilo se apresenta aos vivos. Nesse sentido, o túmulo não estava cumprindo o seu papel como homenagem ao ente querido.

Outro sentido que apareceu na fala de João é que enquanto o túmulo estivesse apenas no cimento bruto, da forma padrão como são feitas as gavetas no cemitério em que está enterrada, não haveria individualidade. Todos os outros túmulos são feitos daquela forma, inclusive os que não tem ninguém enterrado ainda. Não teria como identificar aquele morto como ser único e insubstituível.

Com relação a essa estética dos túmulos, algo nos comoveu durante a entrevista com Marina. Ela relatou que depois da morte dos seus avós, sua família estava buscando inspiração para fazer os ornamentos do jazigo e não gostaria que fosse algo impessoal. O desejo era que o modelo arquitetônico praticado fizesse sentido para a família, para os falecidos e para outros familiares que visitariam o local. Foram então passear nos cemitérios da cidade e ver como eram as construções.

“Esse processo de buscar inspiração foi muito bacana porque no fim de tudo eu não queria pegar e simplesmente fazer uma cópia de algum que tava (sic) lá. Eu queria colocar alguma coisa que realmente representasse os meus avós e a minha tia e tudo isso né. [...] isso é o que vai simbolizar eles para nós. Então tipo assim, é um cuidado que cada um demonstra de uma forma através da arquitetura do túmulo, ou através da flor que tá lá, através do objeto, através das fotos” (Marina, 21 anos. Entrevista realizada em: 09 de fevereiro de 2020).

Segundo Antônio Mota (2009), é no começo do século XX que essa individualidade dos túmulos ganha força. Antes disso, o desejo das famílias de manter um jazigo próprio era a materialização da memória do grupo. O espaço na necrópole era visto como continuidade da própria casa e os membros ali enterrados como pertencentes a uma mesma unidade que era essencial para garantir a continuidade e a perpetuação dos laços. A visita aos túmulos foi se tornando uma prática familiar desde essa época. “Todo o esforço de agregar elementos escultóricos aos túmulos refletia não só o desejo de diferenciação por parte da família do morto, por meio da individualização do túmulo, marca distintiva de um patronímico, mas era também revelador de uma significativa mudança em relação aos hábitos e às expectativas diante da morte” (2009, p.77).



Com o processo de distanciamento dessas premissas, ainda segundo o autor, “[...] no túmulo construído para um único indivíduo ou casal, sobressaía o desejo de valorizar e enaltecer determinados atributos da pessoa do morto, ocultando outros indesejáveis[...]” (MOTA, 2009, p.82). Construíam-se traços que pudessem identificar um indivíduo, cultivando a memória dele, em especial e personalizando as homenagens.

Assim sendo, é possível categorizar este evento como um gesto de homenagem, consideração, cuidado e sobretudo lembrança do ente querido. Estar presente na necrópole, especialmente neste dia, mantém a memória em relação ao morto, faz com que mesmo depois da morte, ele não seja esquecido e ainda receba carinho e cuidado em forma das ações. Todo o dia 31 segue da mesma forma, com limpeza, organização, mudança de objetos e a colocação de algumas flores e velas. É importante notar que os objetos relacionados a limpeza, como baldes, vassouras, rodos, panos e esponjas são elementos essenciais para que essa limpeza se realize. Sem o uso deles não seria possível materializar os sentimentos.

## **O dia dos mortos e os objetos agentes**

Os objetos se apresentam como uma manifestação da relação entre vivos e mortos, e principalmente, da relação de ambos com a fé, e influenciam as sensações e sentimentos que os enlutados têm quando se dirigem às necrópoles.

No Dia de Finados chegamos ao cemitério por volta das 07:30 da manhã. Do lado de fora já era possível notar diferença. A Avenida Maripá estava com restrições de movimentação de carros em uma de suas vias e apenas pedestres podiam passar. Nas calçadas próximas à entrada havia grande número de vendedores de flores de todos os tipos, tamanhos e valores. Vendiam-se também velas e lanches como, por exemplo, algodão doce e salgadinhos. Se comparado ao dia anterior, o cenário era totalmente diferente. No interior do cemitério a presença dos objetos para limpeza quase não podia ser notada, enquanto as flores e as velas ganharam espaço transformando a paisagem cemiterial. Esta é a segunda parte da sequência de eventos.

Categorizamos os objetos de finados como agentes. Mesmo que seja preciso que alguém os leve ao cemitério, a sua agência se estabelece através do seu papel ativo naquele ambiente. Fabio Mura (2011) fala sobre a relação de objetos e sujeitos na qual o primeiro é considerado como algo material e, portanto, natural, ao passo que a noção de sujeito remeteria ao mundo social. Segundo o autor, essa visão entende ambos como substantivos. Ele propõe que esta concepção seja modificada dando lugar a sentidos de sujeito da ação e objeto da ação como representando diferentes condições em que um elemento possa se encontrar em um jogo de relações. Neste jogo, um ser humano poderia tanto ser sujeito como objeto em algumas relações, o mesmo podendo acontecer com os objetos. É através desses objetos que os sentimentos se materializam em forma de ação.

Ingold (2012) trata dos objetos de forma diferente da proposta deste artigo. O autor propõe um “ambiente sem objetos” ao afirmar que o mundo em que vivemos não é composto apenas por eles, mas por coisas. Define o primeiro como um “fato consumado” que está fixo em uma estrutura, onde os processos vitais são removidos. Já o segundo como um “acontecer, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (INGOLD, 2012, p. 31). A coisa então teria o poder de vazar e se relacionar com as outras coisas, seguindo o fluxo vital. Sendo assim, o problema da agência para ele é tentar reanimar o mundo dos objetos. As coisas se movimentam porque estão vivas, e essa vida representa a troca contínua dos materiais, dentro do que ele vai chamar de malha. Partindo das premissas deste autor, no decorrer deste artigo não percebemos os objetos como fixos no tempo e no espaço. Cada um deles assume um papel, tem um significado e uma ação dentro do que está acontecendo. E cada um desses objetos assume uma ação ao aproximar e conectar os enlutados aos seus mortos.

Em vários espaços do cemitério foi possível ver pessoas sozinhas ou em grupos, conversando, fazendo orações, prestando homenagens. Sentamos no palco que estava montado para a celebração. Este

lugar transformou-se em ponto estratégico para observação direta, já que é central e perto do cruzeiro. Essa era a visão do local privilegiado.

Figura 02 – Visão do palco para o cruzeiro.



Fonte: Da autora, 2020.

Dali pudemos ver as direções em que as pessoas andavam. Percebemos certo padrão na forma em que elas chegavam ao cruzeiro. Não era de forma brusca. A chegada era mansa, como se estivessem pedindo licença antes de parar. Alguns bem perto, acendiam suas velas, colocavam seus objetos, outros ficavam mais afastados. Olhares para o cruzeiro, olhares para o chão, mãos cruzadas, mãos para trás, posturas meio incertas.

Todos os objetos que estão presentes no cemitério fazem parte do processo do luto ou dos rituais que o envolvem (REESINK, 2010). Fazem parte dos sentimentos e emoções que variam de pessoa para pessoa e são difíceis de significar. Mas, em contexto geral, são usados com a mesma finalidade: homenagear e lembrar os entes queridos. Visíveis em toda a necrópole, e principalmente no cruzeiro, oração, terço e vela têm significados especiais, eles fazem parte de um mesmo ritual.

## **Instrumento de oração, intercessão e fé**

É importante destacar antes de iniciar a discussão acerca do terço, que ele corresponde a terça parte de um rosário. Oliveira (2009, p. 85) remonta às origens do rosário. Depois de Maria, mãe de Jesus, pessoalmente ensinar São Domingos a rezar, enquanto ele lutava contra os hereges, ela apresenta o objeto como instrumento de oração. A devoção inaugura-se, então, em um contexto de batalhas religiosas. Segundo a autora: “Em tempos de heresia, o instrumento para a oração de Maria apareceu como a possibilidade de triunfo diante do inimigo: para a defesa ou para o ataque, o rosário constituiria a melhor artilharia”, o surgimento também tem outro caminho. Existia o costume de entregar flores a Maria quando se rezava. As pétalas das rosas passaram a ser usadas para contar as orações, dando origem às pedras do terço, e também ao conceito de que “cada ave-Maria rezada é uma flor entregue a Maria” (Idem p.92).

Em uma das entrevistas realizadas, Paula afirmou que considera suas orações como flores entregues a Nossa Senhora: “Eu penso dessa forma assim, que cada Ave Maria que a gente reza é uma rosa que eu entrego a Nossa Senhora, então dentro do catolicismo a gente tem Nossa Senhora como intercessora, então eu peço a Nossa Senhora, que por intercessão dela, que aquela alma ocupe um lugar lá no céu junto de Deus” (Paula, 20 anos. Entrevista realizada em 28 de fevereiro de 2020).

Em frente ao cruzeiro, num dado momento, algumas senhoras que estavam mais afastadas “puxaram um terço”<sup>6</sup> de dentro da bolsa e começaram a rezar. Segundo o curso de formação publicada

---

<sup>6</sup> Como se diz no jargão católico.

no site oficial da Canção Nova<sup>7</sup>. Este ato consiste em iniciar uma série de orações. Existem várias ramificações do terço. Há finalidades diferentes para cada uma delas. Conforme observei, a opção das mulheres foi o terço “mariano”. Pude perceber, pois, segundo a Canção Nova, esta oração é composta principalmente por um Pai Nosso e dez Ave-Maria que são repetidos cinco vezes, cada uma dessas vezes é chamada de “dezena”. Não demorou para que algumas pessoas que estavam em volta se juntassem para acompanhar as orações espontaneamente.

Paola Oliveira (2009, p.88) afirmou que mesmo que as origens do terço sejam distintas, o objetivo é “[...] oferecer um modelo de oração recomendado por Maria, a ser reproduzido pelos católicos”. Durante sua pesquisa, a autora entrevistou várias pessoas católicas a respeito dos significados do terço. Destaca-se não como amuleto nem como superstição, mas como uma arma contra o demônio e os males da vida, para proteção. Para seus informantes o terço pode ser bonito, mas acima de tudo ele precisa ser bom para rezar. O terço então, além de objeto, é a oração.

Foi possível notar no cemitério Cristo Rei que a presença do objeto foi marcante. Ele estava nas mãos, bolsas, túmulos e no cruzeiro. Na imagem abaixo os terços aparecem colocados próximos às velas esperando serem queimados.

Figura 03 – Cruzeiro.



Fonte: Da autora, 2020.

O uso do terço como objeto tem uma ligação direta e importante com a oração. Nota-se que mesmo sendo possível fazer uma prece sem usá-lo, sua presença por vezes é indispensável. O objeto se torna então um agente de intercessão na oração, conforme o fiel vai fazendo as suas orações e seguindo as pedras do terço com as mãos.

Em quase todas as entrevistas o terço foi citado como oração. Denise contou que usa o terço no cemitério em finados com objetivo de fazer orações e manter a espiritualidade com Deus, com a pessoa falecida, e em sentido mais amplo, com todas as almas. “O terço é por causa da oração, em especial o meu caso que eu comecei a estudar um pouco mais sobre as almas do purgatório, e a gente não tem como ter certeza se a pessoa está no céu ou se ela foi pro (sic) purgatório, e essas pessoas elas precisam de oração. A nossa oração através do terço ela é muito valiosa, é muito importante”. (Denise, 16 anos. Entrevista realizada em: 27 de fevereiro de 2021).

Durante as visitas, Pedro disse que ele e sua família sempre rezam em conjunto. A escolha do que vão rezar depende do momento. No entanto, ele afirmou que rezam pelo menos uma dezena do terço mariano. Uma questão inquietante durante as entrevistas foram essas repetições das orações até o fim do terço. Denise e Marina entendem as repetições como forma de confirmação daquilo que estão dizendo e daquilo que acreditam. Chamam atenção para o fato de que por vezes podem não prestar atenção no que estão dizendo de primeira, mas, conforme vão repetindo, em algum momento vão refletir sobre a própria oração. “Eu acho que no terço o fato de você sempre repetir é para você sempre estar lembrando. Eu posso não ter prestado atenção, às vezes, na primeira Ave Maria, mas na segunda eu presto e ela quer dizer a mesma coisa. E quanto mais eu vou rezando com mais profundidade aquilo parece que maior vai

<sup>7</sup> A Canção Nova é uma comunidade de carisma católico, que possui um dos maiores canais de comunicação. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/oracao/voce-sabe-como-rezar-o-santo-terco/>

sendo a grandeza das palavras com que eu falo, entende? Então eu acho que é importante”. (Marina, 21 anos. Entrevista realizada em: 09 de fevereiro de 2021).

A oração se apresenta como uma ligação do fiel com seu lado espiritual e com o falecido que está intercedendo. Essa prática de intercessão é muito valorizada e independe do destino do morto. É na crença ao purgatório que essas orações passam a se intensificar. Segundo Jacques Le Goff (1984) o purgatório é o local onde os mortos são colocados para uma nova tentativa de salvação, um espaço intermediário entre o céu e o inferno. As orações poderiam ser um caminho para abreviar o tempo nesse espaço. O terço é um dos agentes dentro desse processo, representando em grande medida essa fé. As suas contas são marcadores da quantidade e da intensidade do cuidado e do carinho dos vivos para com os mortos.

## A luz da vida

No ritual das orações as velas seguiam uma ordem. Elas sempre eram acesas na chegada, e somente depois a pessoa se posicionava para as preces. Segundo Reesink (2010, p.156) “Só depois de todas as velas acesas é que se reza, seguindo-se, na maior parte das vezes, o sinal da cruz. Acender velas pode ser feito acompanhado ou sozinho, ou de forma combinada”. A autora complementa: “Assim, quando se fala da vela, evoca-se obrigatoriamente a reza. Além disso, acender uma vela implica em rezar, pois a chama é associada à reza. Nesse sentido, pode-se dizer que a vela e a reza compõem um par nesse sistema” (2010, p.159).

Como a vela está associada à oração, seria através dessa última que ela poderia se manter acesa por todo o tempo. Inclusive, observa-se que a vela deve permanecer acesa até se queimar por completo. Alguns túmulos têm seus próprios vasos para colocá-las e protegê-las do vento. Nos mais ornamentais, esses vasos foram feitos especialmente para combinar com a arte funerária do jazigo. Em outros túmulos, tijolos, pedaços de papel, pedras, entre outros objetos encontrados pelo cemitério são válidos, desde que consigam impedir que o fogo se apague.

Figura 04 – Objetos mantendo as velas acesas.



Fonte: Da autora, 2020.

De acordo com Reesink (2010, p.162) “A partir disto, é possível compreender o sentido da vela no regime de salvação: acender uma vela seria “acender” a vida. Disto decorre que este objeto/símbolo é sempre concebido e manipulado em relação à escuridão e à claridade, quando estão em questão as almas do outro mundo”.

Pedro e Denise também categorizam a vela como iluminação, lembrança e homenagem.

“Eu acho que assim é uma forma de você homenagear, assim como a flor também é uma forma de homenagear, a vela você leva como se fosse um pouquinho da luz da vida, não sei se é essa palavra ou essa expressão correta, mas você leva um pouquinho da luz da vida... e você demonstra com essa luz da vida que você que está vivo continua lembrando daquela pessoa que já se foi” (Pedro, 24 anos. Entrevista realizada em 06 de fevereiro de 2021).

A iluminação no sentido de ser “luz da vida” tem relação com várias passagens da bíblia católica. Em uma delas Jesus se coloca como sendo a luz do mundo: “Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida” (Bíblia Ave Maria, João 8:12). Segundo a Canção Nova<sup>8</sup> é a vela que representa essa luz para os fiéis, ou seja, a vela acesa representaria a expressão da vida de Jesus Cristo Ressuscitado. Nesse sentido, o ato de levar a vela até o túmulo é como se levasse a presença de Jesus, reconhecendo que a luz dele habita em todos e tem o poder de conduzir os caminhos, principalmente após a morte. Além disso, a vela também representa a fé daqueles que rezam e a iluminação da memória. Enquanto a ação de estar acesa acontece, o enlutado mantém a presença do morto viva, iluminada, o querido permanece na memória do visitante. Corpo, alma, memória e lembrança se encontram através da agência deste objeto.

## O carinho em forma de presente

Um dos objetos mais presentes e que embelezam os cemitérios no Dia de Finados são as flores. Existem flores de todas as cores, e tamanhos, artificiais ou naturais. Algumas são plantadas em casa, enquanto outras são compradas.

Figura 05 – Túmulos floridos.



Fonte: Da autora, 2020.

Perguntei aos meus interlocutores: por que os enlutados levam flores aos cemitérios no Dia de Finados? Outra questão que me inquietava era entender se o material e a origem da flor importavam de alguma maneira. Denise, uma de minhas informantes, comentou que sua família costuma levar flores

<sup>8</sup> Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/para-igreja-velas-tem-um-significado-muito-importante/>.

naturais ao cemitério. Para ela, o cheiro suave das flores remete a passagem entre a vida e a morte. Da mesma forma como daria um presente ao vivo, as flores ao ente querido preservariam a memória e a lembrança do morto.

O pai de Clara está enterrado em um cemitério com gavetas verticais. Sendo assim, o espaço para prestar suas homenagens é pequeno. Se restringe a uma prateleira fixada em frente à lápide. “Normalmente a gente leva a natural né, porque lá no da vó tem que plantar, não, eles plantam, eles deixam um período, daí replantam. Lá no do pai também, na gaveta, é em cima né, daí a gente deixa... normalmente a gente leva a natural, muito difícil a gente levar a artificial, mas tem gente que prefere porque a artificial fica né...”. (Clara, 40 anos. Entrevista realizada em: 22 de dezembro de 2020).

Paula também considera a flor natural como mais interessante. Na sua fala há uma valorização do natural em relação ao artificial. Para ela, as flores demonstram o carinho e o respeito pelo falecido. Ela complementa: “até a artificial ela acaba durando mais, então cada vez que a gente vai no cemitério é só ir trocando.” (Paula, 20 anos. Entrevista realizada em 28 de fevereiro de 2021).

E no mesmo sentido das duas, Marina também comenta:

“É mais flor e algum arranjo assim. Mudamos o vaso nesse sentido... Dia de Finados a gente tenta colocar a natural, mas durante o ano fica a artificial e ela é comprada mesmo. Eu acho que é a questão de você trazer um pouquinho da natureza, embora tenha grama tudo lá. A flor sempre significa assim uma oferta né, para quem tá lá, é uma forma de agradecimento de certa forma ou uma forma de admiração. Você dá uma flor para alguém que você quer bem, que você tem um carinho né. A flor acho que simboliza isso, mesmo eles não estando presentes aqui a gente sabe que eles intercedem, então nesse momento como memória a gente leva flor em forma de carinho.” (Marina, 21 anos. Entrevista realizada em 09 de fevereiro de 2021).

Dessa forma, verifica-se que as flores naturais e as artificiais são utilizadas de forma alternada por outros interlocutores. As entrevistadas relatam preferir flores naturais no Dia de Finados. Durante o ano, utilizam as flores artificiais. A partir disso, um dos fatos que conecta as duas opções de flores é a durabilidade delas, que permite duas interpretações.

A flor artificial faz com que não haja a necessidade de ir com tanta frequência ao cemitério para a manutenção do túmulo, mantendo a ordem e a limpeza por mais tempo. Exige menos dedicação e menos tempo de trabalho, mas não deixa de demonstrar o carinho e a lembrança. Inclusive, a maior durabilidade da flor faz com que esse carinho não seja interrompido, permanecendo constante. Por outro lado, a flor natural exige mais tempo dedicado ao cuidado. Além da manutenção das flores, há o cuidado com a terra, com a quantidade de água, com os nutrientes necessários. Se isso não acontecer, ela morrerá rápido, interrompendo a demonstração de carinho.

Marina também sublinhou a necessidade de trocar o vaso da flor. Não apenas levar uma flor diferente, mas mudar o lugar onde ela vai ser colocada. Assim como o material da flor evoca a quantidade de trabalho necessária, essa substituição retoma a ideia de quantidade de tempo dedicado ao cuidado do túmulo e simboliza o fato de que todos os objetos presentes precisam fazer parte de um mesmo contexto e de uma mesma aparência.

Por mais que seja um objeto bonito, a flor não está lá apenas pela estética. Ela é um presente. Através do trabalho e da dedicação, as flores são agentes do carinho, memória, lembrança, gratidão e admiração expressado pelos enlutados. É uma ação dos vivos levá-las ao cemitério. E elas com sua presença mantêm constante as relações com os mortos e ao morrer.

## Objetos específicos

Caminhamos pelo cemitério no dia 02 de novembro na intenção de encontrar novos objetos. As quadras dedicadas ao enterramento das crianças, ou quadras dos infantes, eram as mais diversificadas. Desde túmulos coloridos, até brinquedos como, por exemplo, bonecas, carrinhos e ursos de pelúcia. Podemos associar esses objetos com as atividades rotineiras das crianças: as brincadeiras. Seus túmulos demonstravam memória e afetividade, não apenas como uma forma de amenizar a dor da perda, mas de manter a lembrança, de retratá-la como criança, levando uma relação de perpetuidade.

Figura 06 – Túmulo infantil.



Fonte: Da autora, 2020.

No Dia de Finados havia um senhor conversando com uma mulher mais nova em frente a um túmulo. Os dois estavam olhando com carinho para uma foto. O homem comentou: -“Essa foto aí é do dia que ele foi jogar bola”. A mulher respondeu: -“Verdade... a gente não tem tanta foto dele, né...”. As fotos pessoalizam os momentos vividos. Vemos que mesmo depois da morte, a foto faz lembrar momentos, gerando uma reaproximação entre o vivo e o morto. Percebemos também o lamento na fala da mulher por não terem tantos outros momentos registrados para rever.

Não apenas nos cemitérios, mas as fotos registram e marcam momentos importantes da vida das pessoas. Quem nunca olhou para uma foto e lembrou exatamente o que estava acontecendo e quais eram seus sentimentos no dia? Essas são reações comuns que uma foto provoca nas pessoas. Adicionemos tudo isso as fotos de pessoas falecidas. Elas carregam o peso da dor da perda e da saudade.

Segundo Soares (2007, p.19) é o afeto ao morto que produz a memória dele. “Quanto mais amada for a pessoa perdida, maior a importância conferida aos pertences, aos lugares e aos artefatos produzidos para representá-la, no caso específico, os registros imagéticos. É esse conjunto memorial que ajudará o trabalho de luto, a ocupação do vazio deixado pelo morto e o cultivo de lembranças”.

Na intenção de entender esses sentimentos, perguntamos aos informantes. A tristeza e a alegria foram os primeiros sentimentos a aparecer, ambos representados pelo choro. “Eu digo que é um misto, de alegria de poder estar ali, de poder sentir a presença deles e ao mesmo tempo uma tristeza de você só ter as lembranças né, você não poder ter a pessoa... Então é aquele misto mesmo de emoções, as lágrimas podem vir tanto da tristeza, da falta, da saudade, mas também tem aquelas lágrimas da gente poder lembrar e recordar das coisas boas que a gente vivenciou”. (Clara, 40 anos. Entrevista realizada em 22 de dezembro de 2020).

Percebe-se que a alegria e a tristeza têm relação direta com a saudade. Segundo Reesink (2012) a memória se constrói pela saudade. É questão de afetividade, de amor. Há então vários elementos para refletir na fala das interlocutoras.

Clara relatou sentir saudade dos momentos bons. Ela não falou apenas da saudade, ela complementou sua frase com os momentos bons. Reesink (2012) explicou que sem o esquecimento a fase do luto seria impossível, e a memória irrealizável, ao passo que: “[...] o esquecimento é prova de não-amor, enquanto que a lembrança, a memória, é precisamente a sua declaração, a proclamação de sua

autenticidade. Aquele que ama não esquece nunca, menos ainda quando se trata de um ente querido. Entretanto, o paradoxo do esquecimento se exprime também pelo fato de que o esquecimento dos maus momentos é condição quase necessária para a perpetuação (reprodução) desse amor [...]” (REESINK, 2012, p.376). Percebe-se que Clara se referiu a isto. Quando não se pensa nos momentos ruins, não significa que ama menos o seu ente querido, significa que prefere se lembrar dos bons. É mais fácil manter esse amor vivo se lembrando apenas disso.

Lidar com a saudade é complicado. Um significado próprio para a palavra também é difícil de encontrar. Para Damatta (1994, p. 19) “[...] categoria do pensamento e da ação [...] uma palavra com capacidade performativa. Uma categoria tal como ocorre com palavras de ordem [...] – ao ser dita e invocada, promove e implica um fazer, um empenho, uma perspectiva ou um compromisso, definindo um estado interno e permitindo ou desculpando uma ação externa”. Ainda segundo o autor, a saudade pode ser um conceito duplo, como universal e comum a todos os homens, mas também pode ser singular. Para as entrevistadas, essa saudade tem relação com a memória e o amor em relação ao morto. Esses sentimentos são permanentes. A morte não perpassa, então, apenas pela tristeza, mas por vários outros sentimentos a envolvem: “[...] pode-se dizer que a saudade alimenta e é alimentada pelo amor, pela afeição: quanto mais se ama, mais se sente saudade de alguém. E essas relações entre saudade e amor são estabelecidas através da memória [...]” (REESINK, 2012, p.380).

Verifica-se então que a fotografia, assim como os objetos infantis, preserva a imagem do morto, mantendo-o presente na memória. Ao mesmo tempo em que as fotos podem carregar lembranças tristes, de formas negativas, elas também podem ter a função de aliviar as cargas emocionais. Uma lembrança visual do falecido faz com que ele não seja esquecido. Leva acalento para o corpo e conforto para o enlutado.

## Considerações finais

Não há um processo de afastamento da morte na contemporaneidade católica. Inclusive, afirmamos que além da morte se relacionar com a tristeza e a impureza, ir ao cemitério também é motivo de alegria, conforto, tranquilidade e paz. Essas visitas aos finados, os significados dos objetos e os sentimentos presentes em todo o processo de morte retomam a ideia dela como um processo natural. Fica evidente que ela faz parte da experiência humana e é experimentada de formas particulares por cada um. Consequentemente, as maneiras de demonstrar sentimentos e de vivenciar o luto são específicas e especiais. O luto é um processo comum e frequente. Ele é tanto relacionado a aspectos psicológicos, sendo individual, quanto associados às relações com o mundo exterior, e, portanto, social (SILVA; RODRIGUES; AISENGART, 2021). Assim, participar dos rituais de Finados, da construção do espaço cemiterial, faz parte deste grande processo.

Dessa forma, os ritos de finados no Cemitério Cristo Rei expressam as relações sociais entre os mortos, os vivos, os objetos e seus compartilhamentos públicos. Finados se apresenta como expressão da comunidade. Neste contexto, os dados expostos aqui, apesar de se estruturarem a partir das emoções do luto, vão além das homenagens. Representam o encontro entre os vivos e o espaço de sociabilidade. Ademais, os objetos que estiveram presentes em todas as etapas da construção de Finados fazem parte desta estruturação, ao passo que são agentes das emoções. Eles são tudo aquilo que não se pode expressar com palavras.

## REFERENCIAS:

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BORGES, Maria Elizia. Arte funerária: apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. XXIII, No. 2, p. 15-28, 1997.



- DAL PIVA, Jessica. **“Jamais serão esquecidos”:** Memória e Monumentos no Cemitério Cristo Rei. 77f. Monografia - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2017.
- DAMATTA, Roberto. **Antropologia da saudade.** Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, p. 17-35, 1994.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando, uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** Queluz de Baixo: Presença, 1985.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. São Paulo: **Cadernos de campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Porto Alegre: **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica.** São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório.** Chicago: University Chicago Press, 1984.
- MAUSS, Marcel. A Expressão Obrigatória dos Sentimentos (Rituais Funerários Australianos). **Journal de Psychologie**, 18, Oeuvres, v.III, p. 269 – 282, 1921.
- MOTA, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 24, No. 71. p. 73-93. 2009.
- MURA, Fabio. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de Antropologia da Técnica e da Tecnologia. **Horizontes Antropológicos.** (UFRGS. Impresso), v. 36, p. 95-125, 2011.
- NEGRÃO, Marcos Vinicius Nascimento. **Illuminando os mortos - um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no dia de finados em Salinópolis – Pará.** 162f. Dissertação - Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2014.
- OLIVEIRA, Paola Lins de. Circulação, usos sociais e sentidos sagrados dos terços católicos. **Relig. Soc.** [online]. vol. 29, n. 2, p. 82-115, 2009.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo.** 2. Ed. Brasília: Paralelo 15. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia ou a teoria vivida. In: **Revista Ponto Urbe.** São Paulo, v. 2.0, No. 2, p. 1-10, 2008.
- REESINK, Mísia Lins. Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. **Etnográfica**, vol. 16 (2), p. 365-386, 2012.
- REESINK, Maisa Lins. Reflexividade nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados. **Mana** 16 (1), p. 151-177, 2010.
- \_\_\_\_\_, Mísia Lins. Reflexividade nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados. **Mana**, v. 16 (91), p. 151-177, 2010.
- REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.15, n. 14, p. 99-114, 2006.
- RODRIGUES, José C. **Tabu da Morte.** Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2006.
- SILVA, Weverson Bezerra. **“LEMBRE DE MIM”:** um olhar antropológico sobre o Dia dos Mortos no cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa/PB. 90F. Monografia - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SILVA, Andreia Vicente da; RODRIGUES, Claudia; AISENGART, Rachel. Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista Nupem**, Campo Mourão, v. 13, n. 30, p. 214-234, 15 set. 2021.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

SOARES, Miguel Augusto Pinto. **Representações da morte: fotografia e memória**. 149 f. Dissertação - Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 31 - 48, 2003.

VICENTE DA SILVA, Andreia. Encontros e tensões religiosas em finados. **Iluminuras**, v. 18, p. 413-424, 2017.

\_\_\_\_\_. Andreia. Disputas, compartilhamentos e exclusões rituais num cemitério público brasileiro. **Estudos de religião**, São Paulo, v. 32, n. 02, p. 235-263, ago. 2018.